



REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA

ISSN:2447-5076



As filosofias de Ailton krenak e Antonio Bispo dos Santos: pensamento criativo surgido da relação com a Terra no Brasil da Nova República

The philosophies of Ailton Krenak and Antonio Bispo dos Santos: creative thinking arising from the relationship with the Earth in Brazil during the New Republic

José Otávio Aguiar¹

RESUMO: O artigo sintetiza alguns conceitos e concepções filosóficas depreensíveis das leituras de dois pensadores originários dos povos tradicionais brasileiros que vem influenciando significativamente no pensamento decolonial e na luta pela posse e manejo sustentável da terra nas últimas décadas. Percorre os principais conceitos de Ailton Krenak, líder indígena mineiro e Antonio Bispo dos Santos, articulador e ativista quilombola piauiense. Tece, assim, algumas críticas e contextualizações para as terminologias utilizadas com fim compreensivo, problematizador e organizador.

Palavras-chave: Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, Quilombos, Povos Indígenas

ABSTRACT: The article summarizes some concepts and philosophical conceptions understandable from the readings of two thinkers originating from traditional Brazilian peoples who have significantly influenced decolonial thinking and the struggle for possession and sustainable management of land in recent decades. It covers the main concepts of Ailton Krenak, indigenous leader from Minas Gerais, and Antonio Bispo dos Santos, quilombola organizer and activist from Piauí. It thus weaves some criticisms and contextualizations for the terminologies used for comprehensive, problematizing and organizing purposes.

Key words: Ailton Krenak, Antonio Bispo dos Santos, Quilombos, Indigenous Peoples

¹ Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil, Professor do magisterio superior, otavio.j.aguiar@gmail.com

INTRODUÇÃO

No texto que se dará a ler nas páginas a seguir analiso, de forma sintética, a produção intelectual de dois pensadores brasileiros contemporâneos, cujo pensamento, espontâneo e original, surgiu das demandas dos povos tradicionais brasileiros, indígenas e quilombolas nas três últimas décadas. Tratam-se de Ailton Krenak e de Antonio Bispo dos santos. A análise de suas obras será conduzida procedendo a uma arqueologia de alguns de seus conceitos e concepções antropológicas, econômicas e humanas. Seu pensamento será tratado, aqui, como um paradigma para as formas de pensar e significar a realidade social e histórica brasileira a partir das cosmologias ancestrais.

Suas lutas sociais e sua defesa das formas de ser e viver de seu povo geraram uma filosofia prática e participativa na qual a originalidade dialoga com a tradição, de forma a criticar o passado e construir o futuro. Sua influência e permanência no cenário midiático da atualidade, avesso à leituras longas e acostumado a mensagens pequenas e objetivas produzidas com uma velocidade comparável à sua efemeridade fala de sua capacidade de captar e representar-comunicar os problemas da atualidade de forma transcultural e arguta.

A análise se dará a partir do exame de duas obras de cada autor, de forma a captar algo mais essencial de seu contexto de produção e de seus interlocutores e leitores, bem como de sua influência em setores políticos e culturais do Brasil da Nova República. Entender parte do processo de construção de seus protagonismos político-intelectuais e a dinâmica de seu pensamento nas obras escolhidas, suas categorias e demandas é nossa proposta nesse pequeno espaço.

1.Ailton Krenak

Nascido em 1953, no Município de Itabirina-MG, Ailton Alves Lacerda Krenak, o Ailton Krenak, é um ativista, pensador, ambientalista, historiador e poeta representante da etnia indígena Crenaque. Recentemente, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais e pela UNB, no distrito federal e também foi eleito

para a Academia Mineira de Letras.² Sua trajetória de ativista político de pelos povos indígenas brasileiros no Congresso Nacional marcou o início de uma longa e profícua história de ação, em defesa de um horizonte de Estado Plurinacional, de forma pioneira e corajosa. Afinal, à época da promulgação da carta constitucional brasileira, em 1988, quando a nação saía de décadas de convívio com uma ditadura cruel, referir-se à utopia de um Estado plurinacional, onde os povos indígenas tivessem autonomia para além das heterônomas normas do direito brasileiro, parecia aos expectadores algo quase irrealizável.

Ailton nasceu em 1953 no município de Itabirinha, no estado de Minas Gerais, bem na região do Médio Rio Doce, território ancestral dos chamados ‘índios botocudos’, denominação pejorativa que, no século XIX, se referia a uma série de comunidades ancestrais, dentre as quais a dos Crenaque. Seu território tradicional vai do litoral do Espírito Santo até as serras do Leste de Minas Gerais.

Quando fez dezessete anos, Ailton mudou-se, acompanhando a família para o estado brasileiro do Paraná, onde estudou e se tornou produtor gráfico e jornalista. Na década de 1980, passou a dedicar-se exclusivamente ao movimento indígena, o que vem fazendo até os dias de hoje.

Vale, entretanto, dar destaque a alguns de seus projetos antigos e atuais, que lançam luz sobre sua trajetória mais ampla. Em 1985, fundou a organização não governamental Núcleo de Cultura Indígena, que trabalha por promover a cultura dos povos indígenas e refrear as diversas campanhas de difamação. À época da Assembleia Nacional Constituinte, uma emenda popular assegurou a participação do grupo no processo de elaboração da nova Carta Magna, momento em que Ailton assumiu ativo papel na defesa dos direitos de seu povo, bem como de diversas representações culturais de outras culturas parceiras. No dia 4 de dezembro de 1987, em ação marcante na memória nacional, vestindo um terno branco e pintando o rosto com a tradicional cor preta da tinta de Jenipapo dos Índios Krenak, Ailton Subiu à Plenária do Congresso Nacional para falar em defesa dos direitos que, um ano mais tarde, seriam garantidos aos povos indígenas na Constituição Federal de 1988.

² Meu primeiro encontro com sua obra foi com a leitura, em 1999, de seu artigo, O Eterno Retorno do Encontro, publicado no livro *A Outra Margem do Ocidente*, organizado por Aduvaldo F. Soares. KRENAK, Ailton. O Eterno Retorno do Encontro. In: NOVAES, Adalberto. *A Outra Margem do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

A Constituinte planejava demarcar os territórios indígenas em 5 anos, ação que, 40 anos depois, ainda não se completou, mas, distante disso, essa mesma demarcação encontra-se hoje ameaçada. Um exemplo dessas ameaças é o projeto do Marco Temporal, que pretende subverter o sentido original da lei limitando as demarcações de terras indígenas àquelas concretizadas até a data da Constituinte de 1988. O STF e o Congresso Nacional se digladiaram sobre a questão que tem causado dano político internacional ao Brasil frente a organismos ambientalistas internacionais, anunciando grande crise social e econômica. Trata-se de uma luta desigual das atuais representações indígenas presentes no Congresso Nacional contra uma grande bancada ruralista ligada aos interesses do agronegócio, dos agrotóxicos e, também, aos interesses das mineradoras internacionais que visam tomar de assalto territórios tradicionais de diversas etnias. Na Constituição Federal a terra é propriedade da União e não pode ser disposta aos interesses do lucro, mas, na cultura brasileira construída entre violências e grilagens, a terra é pensada como mercadoria pela sociedade. Já para os povos indígenas, ela, a terra, é encarada como um bem sagrado necessário à vida e pertencente à comunidade como herança coletiva ancestral.

Voltando ao nosso relato, vale lembrar que Ailton participou, ainda, de forma ativa da fundação da União dos Povos Indígenas, uma peculiar organização que representa os interesses indígenas em todo o território brasileiro. Outra organização co-fundada por Ailton foi a Aliança dos Povos da Floresta, um movimento que visava o estabelecimento de reservas naturais na Amazônia para a promoção da forma de conservação e manejo cultural dos povos ancestrais.

Vale lembrar que, a partir de 1998, graças a um projeto criado por Ailton, vem sendo realizado um festival na região da Serra do Cipó, em Minas Gerais, o Festival de Dança e Cultura Indígena, que promove a integração entre os diferentes indígenas brasileiros.

Em 2000, foi o narrador principal do documentário *Índios no Brasil*, produzido pela TV Escola. Dividido em dez partes, o vídeo aborda a Identidade, as línguas, os costumes, as tradições, a colonização e o contato com o branco, a briga pela terra, a integração com a natureza e os direitos conquistados pelos indígenas até fins do século XX. Entre 2003 e 2010, Ailton Krenak foi também assessor especial do Governo de Minas Gerais para assuntos indígenas.

No ano de 2014, Ailton foi um dos palestrantes do seminário internacional *Os Mil Nomes de Gaia*, ocorrido no Rio de Janeiro sob organização de Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo do Museu Nacional, e Déborah Danowski, filósofa e professora da PUC-Rio.

Em abril de 2015, durante a Mobilização Nacional Indígena, convocada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – Apib, foi lançado um livro da coleção *Encontros*, da Azougue Editorial, que reúne diversas entrevistas concedidas por Ailton Krenak, entre 1984 e 2013. Os

textos foram organizados pelo editor Sérgio Cohn e contam com apresentação de Viveiros de Castro.

Em 2016, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) concedeu a Krenak o título de Professor Doutor Honoris Causa, um reconhecimento pela sua importância na luta pelos direitos dos povos indígenas e pelas causas ambientais no Brasil. Krenak tem lecionado, de forma intermitente, as disciplinas “Cultura e História dos Povos Indígenas” e “Artes e Ofícios dos Saberes Tradicionais”, ambos em cursos de especialização na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Em 2018, foi um dos protagonistas de uma série na Netflix chamada Guerras do Brasil, que relata com detalhes a formação do Brasil ao longo de séculos de conflito armado, começando com os primeiros conquistadores até a violência na atualidade. Em 2020, conquistou o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano concedido pela União Brasileira dos Escritores (UBE). Em dezembro de 2021, a Universidade de Brasília concedeu a Ailton Krenak o título de Professor Doutor Honoris Causa. Sua obra está traduzida para mais de treze países. Atualmente vive na Reserva Indígena Krenak, no município de Resplendor, no estado de Minas Gerais, de onde vem atuando de forma muito criativa, veiculando ativismos diversos e possibilitando variadas alternativas de interpretação para a crise ambiental vivida pela humanidade. Como nos últimos anos as invasões e violações a territórios indígenas cresceram de forma exponencial, sua fala ganhou importância por inocular toda uma geração de jovens indígenas que têm descoberto o Congresso Nacional Brasileiro e o Senado Federal como locais de participação e militância.

Ailton propõe um retorno às cosmologias ancestrais indígenas como alternativa ao fim do mundo, ao esgotamento do planeta e ao fim das instituições e estruturas que mantêm a paz e permitem a vida. Nesse retorno, a memória tem papel essencial. Pela memória se evita a perda do sentido da humanidade, ela nos mantém críticos e conscientes de nossa identidade. O pensamento colonizador, ao contrário, seria evitado de esquecimentos e olvidos.

Assim, a crise da filosofia e da ciência do ocidente passa pelo questionamento dos seus modos de estarem em um mundo que caminha para o abismo. Para superar tudo isso seria indispensável investir na ideia de soberania e independência dos povos, investir em um mundo que garantisse o direito a essa diversidade para que todas as formas de ser e viver não se submetessem mais somente às estruturas pragmáticas do lucro, nas quais intelectuais e líderes mundiais, por mais inovadores e revolucionários, inconscientemente adaptados, ainda nadam como peixes que se deslocam na água. Mesmo sem o sabermos, estamos imersos na colonialidade de onde partem nossos mais bem intencionados projetos de ruptura. Propor um deslocamento

dessa lógica tem sido todo o esforço de Ailton como um pensador livre de quaisquer amarras institucionais e não mais compromissos que não sejam aqueles baseados na ética e nos valores ancestrais de seu povo. Dá, talvez, venha o fascínio e interesse que seu pensamento tem gerado no Brasil contemporâneo, mesmo em meio à travessia de perversas e complicadas conjunturas. A aposta maior de Ailton Krenak é a de que o respeito à diversidade possa adiar o fim do Mundo.

2. Antonio Bispo dos Santos

Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, habitante do Quilombo do Saco-Curtume , localizado no município de São João do Piauí/PI) nasceu em 1959, no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado Papagaio, território que, hoje, integra o município de Francinópolis no estado do Piauí. Formado por mestres e mestras de ofício nas lides com a terra, foi um dos poucos de sua comunidade a estudar, chegando até a sétima série do ensino fundamental. Autodidata, ganhou apreço pela leitura desde cedo. Migrou para o Rio de Janeiro e trabalhou em diversas funções, dentre elas a da construção civil. Sempre indignado com as injustiças sociais, voltou para o seu estado e começou uma luta em defesa das comunidades tradicionais, que hoje representa como pensador e filósofo. Nêgo Bispo, como é conhecido entre os seus, é habitante de um bioma de caatinga. Se define como lavrador que tece agricultura enquanto tece vidas. Na verdade é um poeta e escritor, um mestre contador de histórias e de contundentes reflexões sobre as inescapáveis questões políticas, sociais e ambientais de nosso tempo, que valoriza seus mestres e mestras ancestrais que vivem com a terra e pela terra e com os quais ele teve o que é.

Hoje pode ser definido como um Pensador e militante de grande expressão no movimento quilombola e nos movimentos de luta pela terra no semiárido brasileiro. É membro da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI). Foi autor de numerosos artigos e poemas, bem como dos livros *Quilombos, modos e significados* (2007) e *Colonização, Quilombos: modos e significados* (2015). Ele também foi professor e mestre convidado do projeto Encontro de Saberes na Universidade de Brasília, UNB, e é um semeador incansável dos encontros resolutivos e das confluências de saberes.

Sua forma de pensar e interagir com os conceitos provenientes da tradição dos colonizadores é bem peculiar. Em primeiro lugar, se referindo à forma como os povos indígenas designavam o que hoje chamamos de Brasil, recupera o termo tupi Pindorama. Localizando a

chegada dos africanos escravizados e sua resistência e agência em quilombos, logo associada em luta aos povos indígenas preexistentes, sugere o termo afropindorâmicos. Designa como cosmologias afropindorâmicas as surgidas destes encontros e resistências associadas contra os colonizadores cristãos ocidentais e suas concepções de vida e trabalho. Exata o sentido de coletividade derivado das formas de vida afropindorâmicas, bem como sua economia solidária e humana, em confronto com os métodos e cosmologias desumanizadoras do colonizador. Destaca o papel da oralidade como transmissora de saberes ancestrais que jamais deveriam ter sido desprezados. Propõe a substituição do conceito de desenvolvimento pelo de envolvimento.

Destacando a concepção pluralista e circular dos povos tradicionais, elaborou o conceito de confluência para designar um tipo de cosmologia e forma de lidar com seres humanos e não humanos que passa pela coexistência e interdependência e não pela utilização pragmática seguida de descarte, nem pela exploração irresponsável e escravizadora. Se opondo a este conceito de “confluência”, Nego Bispo destaca o que chama de “cosmofobia” dos povos colonizadores europeus, sempre dispostos a dividir e negar relações e interações, promovendo, no limite, o discurso do desenvolvimento sustentável que propõe reciclagens e relações pragmáticas e utilitárias com as coisas e os seres. Criticando a cosmofobia ocidental propõe o que chama de biointeração, modalidade de relação dentro da qual as coisas e seres se reeditam ao invés de se reciclarem e envolvem ao invés de se desenvolverem.

O conceito de Amefricanidades, legatário de Lélia Gonzalez, refere-se a associação tanto política quanto cultural de tradições e agências indígenas e africanas no contexto da América Portuguesa e em suas heranças e interações. O conceito de Afropindorâmicos, de Antônio Bispo dos Santos, guardadas as devidas proporções de analogia, parece caminhar no mesmo sentido. Derivando a expressão “pindorâmicas” de uma das denominações mais frequentes atribuídas aos povos Tupi litorâneos ao que mais tarde se chamou Brasil, representa um esforço louvável de ruptura com a lógica nominativa colonial. Entretanto, cabe lembrar, que os Tupi, não obstante sua vasta distribuição territorial no litoral da América Portuguesa no século XVI nunca foram exclusivos nesse espaço, embora imortalizados pela memória dos conquistadores e generalizados em sua memória colonial. Um dos esforços decoloniais necessários é justamente o de romper com essa ultra-visibilidade Tupi, referindo-se, também, as muitas outras etnias e culturas de povos indígenas que aqui se expressaram ao longo dos séculos antes e depois da chegada dos portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, cristãos novos, norte-africanos muçulmanos, dentre outros, que aqui aportaram nos dois primeiros séculos da colonização e também depois. De outro lado, cabe em acréscimo uma crítica ao conceito de América, tal como tradicionalmente

utilizado, monopolizado, afirmado pela lógica colonial. Atribuir um nome próprio é também, em simultaneidade, se apropriar, ressignificando um espaço pelos nomes que se atribui aos rios, às montanhas, aos bosques, aos lagos, aos animais, às plantas e por esse meio um grupo social se constitui como tal constituindo seus mundos de vida, seus mundos de significação e tornando um espaço seu território originário, já que a linguagem territorializa e, assim, a atual disputa entre *América e Abya Yala* se revela uma tensão de territorialidades, impossível de se completar sem que isso se faça no mundo político, social e histórico.³

Sobre este conceito, o de *Abya Yala*, cabe esclarecer que começou sua trajetória no léxico político o como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a *América* expressão que, embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wadseemüller, só se consagraria a partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX. Tal consagração se fez por meio das elites crioulas que a veicularam para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus no calor do processo de independência e formação das diversas nações no Caribe e no Sul. Nossa visão, entretanto, no mesmo sentido de nossos raciocínios anteriores, é que não podemos esquecer o fato de que os diferentes povos originários que habitam o continente atribuíam e atribuem léxicos próprios às regiões de seus territórios originários, a exemplo de Tawantinsuyu, Anauhuac, e, finalmente, Pindorama. Nesse contexto de diversidade e disputas políticas *Abya Yala* vem sendo cada vez mais esgrimida como espada de luta pelos povos originários do continente, no intuito de construir um sentimento de unidade e pertencimento, num movimento histórico que está longe de um pretenso fim ou estabilidade.

³ <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

‘*Abya Yala* vem sendo usado como uma autodesignação dos povos originários do continente como contraponto a *América* expressão que, embora usada pela primeira vez em 1507 pelo cosmólogo Martin Wadseemüller, só se consagra a partir de finais do século XVIII e inícios do século XIX por meio das elites crioulas para se afirmarem em contraponto aos conquistadores europeus no bojo do processo de independência. Muito embora os diferentes povos originários que habitam o continente atribuísem nomes próprios às regiões que ocupavam – Tawantinsuyu, Anauhuac, Pindorama – a expressão *Abya Yala* vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento.’

3.Os pensamentos de ambos: encontros

Estamos cansados de saber que nem nos livros onde mandam a gente estudar se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro e do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que fica? É a impressão de que só os homens, os homens brancos, social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla se dá o nome de sexismo, racismo e elitismo.⁴

O que definiria a América Latina talvez seja justamente a luta política dos povos que se definem como latino-americanos. Como vimos, para Lélia Gonzalez, autora do conceito de “amefricanidades”, o conceito de América Latina deveria ser considerado de forma mais ampla de modo a falar em América afro-latina. A compreensão da identidade negra e indígena no Brasil deve ser compreendida como parte dessa fusão e dessa dinâmica histórica, definida na expressão de Antônio Bispo dos Santos como Afropindorâmica.

Tais pensamentos originais, surgidos e elaborados no coração das lutas por direitos indígenas e quilombolas na sociedade brasileira opõem-se à lógica capitalista e colonialista, dentro da qual a maioria da sociedade se movimenta inconsciente como peixes que se deslocam na água. Estudar e compreender as especificidades e peculiaridades dos pensamentos de Ailton Krenak e Antonio Bispo dos Santos será nossa preocupação nesse sucinto esforço de organização de conceitos. A moderna História Ambiental acadêmica, com suas aproximações da História Indígena, vem protagonizando as filosofias dos povos originários a partir de seus debates que visam não dissociar natureza de cultura, dar status de sujeito histórico a seres não humanos e à própria Terra. Este diálogo contemporâneo tem aberto frentes promissoras de debate e colaboração. Sintetizamos, abaixo, as obras e conceitos aqui abordados.

| | |
|--------------------------|-------|
| Antonio Bispo dos Santos | |
| Conceitos | Obras |

⁴ Mulherio, Ano II, Nº 5, Janeiro/Fevereiro de 1982, P. 3

| | |
|------------------|---|
| Confluência | A terra dá, a terra quer (2023) |
| Envolvimento | Composto Escola: Comunidades de sabenças vivas (2022) |
| Afropinduramicos | Quatro cantos (2022) |

| Ailton Krenak | | |
|--|--|--|
| Conceitos | Obras/Textos | |
| o corpo-mercadoria e o corpo-máquina: a utilidade dos corpos | SELVAGEM CICLO DE ESTUDOS SOBRE A VIDA. Nhe'ery, rec.tyty e outros pulsares Ailton Krenak, Carlos Papá e Cristine Takuá. Publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2021. | KRENAK, Ailton. As alianças afetivas. Entrevista de Pedro Cesarino. Incerteza Viva. Dias de estudo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, p. 169-188, 2016. |
| corporalidades coletivas | SELVAGEM, Cadernos. Nave Gaia Antônio Nobre e Ailton Krenak. Publicação digital da Dantes Editora Biosfera, 2021. | KRENAK, Ailton. A potência do sujeito coletivo–Parte I (entrevista de Jailson de Souza e Silva). Rio de Janeiro, n.1. Revista Periferias, 2018. |
| corpo-terra no pensamento indígena e de(s)colonial | KRENAK, Ailton. Paisagens, territórios e pressão colonial. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 327- 343, jul./dez. 2015. | Futuro Ancestral (2022) |
| corpo-terra | KRENAK, Itamar de Souza Ferreira; ALMEIDA, Maria Inês UatuHoom. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Cipó Voador, 2009. | O amanhã não está à venda (2020) |
| corpo individual | KRENAK, Ailton. Ailton Krenak. In: Coleção Tembetá, Sergio Cohn; Idjahure Kadiwel; Kaka Werá (org.) Rio de Janeiro: Beco do Azogue | Lugares de origem (2021) |

| | | |
|---------------------------|---|--|
| | Editorial Ltda. 2017. | |
| A Floresta como cidadania | KRENAK, Ailton. Caminhos para cultura do Bem-Viver. Rio de Janeiro: Organização Bruno Maia, 2020 | KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019. |
| Florestania | KRENAK, Ailton. Pensando com a cabeça na Terra. Anais da ReACT-Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia [UNICAMP], Campinas. v. 3, n. 3, 2017. | O sistema e o antissistema: Três ensaios, três mundos no mesmo mundo. (2021) |
| | KRENAK, Ailton. Encontros. Organização de Sérgio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015. | O lugar onde a terra descansa |
| | KRENAK, Ailton. Ecologia Política. Ethnoscintia, Belém. v. 3, n. 2, 2018. | Caixa de Dramaturgias Indígenas (2023_ |
| | KRENAK, Ailton. A vida não é útil. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. | Firmando o Pé no Território (2020) |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso ensaio sintetizou alguns conceitos e concepções filosóficas depreensíveis das leituras de dois pensadores originários dos povos tradicionais brasileiros. Percebemos que tais filosofias vem influenciando significativamente no pensamento decolonial e na luta pela posse e manejo sustentável da terra nas últimas décadas e um exemplo disso é a atuação de Nego Bispo

na inspiração do debate quilombola e a influência de Ailton Krenak tanto no contexto pré-constituição de 1988 quanto hoje nos debates contra a aprovação do chamado, Marco temporal, absurda subversão de princípios dessa mesma constituição. Percorremos alguns dos principais conceitos de Ailton Krenak, líder indígena mineiro e Antônio Bispo dos Santos, articulador e ativista quilombola piauiense. Tecemos, também, algumas críticas e elaboramos contextualizações para as terminologias utilizadas com fim compreensivo, problematizador e organizador.

Finalmente, cabe observar que, lendo Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos somos levados a perceber como o pensamento único se configurou, historicamente, pela negação e demonização das cosmogonias e cosmologias indígenas e quilombolas. Percebemos também a interpretação de que isso se fez para justificar a intervenção na natureza, sua apropriação e transformação para utilização pragmática e reificante. Ambos os autores nos conduzem a pensar os seres não humanos como protagonistas da história e sujeitos de direitos, outras presenças que cabe respeitar e com as quais é necessário coexistir para que se possa continuar a existir. É justo nesse sentido que é possível pensar em um “futuro ancestral”, no dizer de Ailton Krenak, um futuro que nos permita optar pela forma de coexistir que por mais tempo permitiu o bem viver entre seres humanos e não humanos. De outro lado, Antonio Bispo dos Santos, prima por denunciar a negação do outro que se efetivou pela eliminação dos corpos e da cosmologia dos povos originários, notadamente na história do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

BISPO DOS SANTOS, A. **Colonização, Quilombos**: modos e significação. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa - INCTI, 2015.

[[Links](#)]

BISPO DOS SANTOS, A. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. *In: OLIVA, A. R. et al. (org.). Tecendo redes antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 23-36. [[Links](#)]

BISPO DOS SANTOS, A.; GOLDMAN, M. “Metafísica na Rede: debate - Cosmopolítica e Cosmofobia”. Brasília, 5 ago. 2020. 1 vídeo (1h53m30s). Webinar publicado pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IBlhkKzzHmo>. Acesso em: 10 maio 2022.

CASTRO, E. V. Prólogo. *In: KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.* São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11-42.

CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. *In: CASTRO-GOMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (org.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.* Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-24.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

HAIDER, A. **Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje.** Coleção Baderna. São Paulo: Veneta, 2019.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton (2019). **Ideias para adiar o fim do mundo** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Vanessa Silva dos; SEIDEL, Roberto Henrique. **CONFLUÊNCIAS E PLURIPOTENCIALIDADES DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS. Interdisciplinar -**

Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 34, n. 1, p. 137–152, 2020. <https://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

ALBÓ, Xavier; BARRIOS, R.: *Cultura y política. V. 1: Violências encubiertas en Bolivia*. La Paz: CIPCA-Aruwyiri, 1993 .

CECEÑA, Ana Ester: *Los desafíos del mundo en que caben todos los mundos y la subversión del saber histórico de la lucha*. Revista Chiapas, no. 16. México, D.F.: IIE-UNAM, Clacso, 2004.

ESCOBAR, Arturo: *La invención del tercer mundo – construcción y deconstrucción del desarrollo*. Bogotá: Norma, 1996.

DÁVALOS, Pablo: *Yuyarinakuy: “digamos lo que somos, antes que otros nos den diciendo lo que no somos”*. Quito: Icci-Abya Yala, 2001.

DIAZ-POLANCO, Hector: *El canon Snorri: diversidad cultural y tolerancia*. México, D.F.: Universidad de la Ciudad de México, 2004.

GONZÁLES CASANOVA, Pablo: *Colonialismo Interno [una redefinición]*. In BORÓN, A., AMADEO, J. e GONZÁLEZ, S. (comp.) *La teoría marxista hoy – problemas y perspectivas*. Buenos Aires: Clacso, 2006.

LEFF, Enrique: *Racionalidad Ambiental – la reapropiación social de la naturaleza*, México, D.F.: Siglo XXI, 2004

MACAS, Luis: *Reflexiones sobre el sujeto comunitario, la democracia y el Estado*. Entrevista realizada por Daniel Mato. In MACAS, L. e DÁVALOS, *Entrevistas a Intelectuales Indígenas*, No. 3. Caracas: Programa Globalización, Cultura y Transformaciones Sociales, CIPOST, FaCES, Universidad Central de Venezuela. Disponible em: <http://www.globalcult.org.ve/entrevistas.html>.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter: *Latifundios genéticos y existencia indígena*. Revista Chiapas, no. 14. México, D.F.: IIE-UNAM, 2002.

QUIJANO, Aníbal: Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In LANDER, Edgardo (Comp.) La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Buenos Aires: Clacso, 2000.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia: Oprimidos pero no vencidos: luchas del campesinado aymara y qhechwa de Bolivia, 1980-1990. La Paz: CSUTCB, s/d.

VENTOCILLA, J., HERRERA, H. e NUÑEZ, V.: El espíritu de la tierra – plantas y animales en la vida del pueblo Kuna. Quito: Abya Yala, 1999.